

Maringá declara guerra à recessão. Quem vencerá?

Defendendo a mobilização da comunidade no estilo do que aconteceu na Alemanha depois da guerra, para a recuperação da economia nacional, aproximadamente 100 empresários de Maringá — 200 mil habitantes, norte do Paraná — estão se unindo e fundando uma sociedade anônima para reativar a economia local, abrindo novas opções de exploração comercial e industrial, estimulando a produção de gêneros que a região normalmente "importa" de outros centros, reduzindo os custos e criando novos empregos.

O grupo defende a necessidade de se investir em atividades produtivas e condena a aplicação em papéis (caderneta de poupança, open, over, letras de câmbio etc) que, na opinião deles, estimulam a inflação. Os empresários de Maringá resolveram fazer o que grande parte do empresariado nacional defende como essencial para o País sair da crise, na esperança de reverter as expectativas de caos econômico e social e ter o exemplo seguido em várias partes do Brasil.

Raimundo Prado Vermelho, presidente da Associação Comercial e Industrial de Maringá, é um dos idealizadores do projeto: "A crise, profunda e séria, é um fato que está colocado como irreversível. A dívida externa está aí, foi feita de forma errada, mas tem de ser paga. De nada adianta ficarmos apenas lamentando. Estamos dando nossa contribuição. Se todos fizerem o mesmo, vamos tirar este país do buraco, mudando as estruturas de baixo para cima, já que o inverso não depende de nós".

O grupo de 100 empresários de

Maringá — fazendeiros, comerciantes, industriais, profissionais liberais, prestadores de serviços — vêm se reunindo quase diariamente para discutir as formas de "aquecer" a economia municipal. A primeira empresa fundada pelo grupo — Ingá Companhia Industrial de Alimentos — tem capital integralizado de Cr\$ 600 milhões e cada um dos empresários participa dela com cotas de Cr\$ 1 milhão ou Cr\$ 5 milhões, pagas em dez prestações.

A empresa já dispõe de uma área de

dez alqueires. A prefeitura doou o terreno, o prefeito, um dos maiores empresários da cidade, também faz parte do grupo, onde será construído um galpão com dois mil metros quadrados de área. "A empresa", diz Prado Vermelho, "vai se dedicar primeiramente aos setores deficientes no mercado interno local. Vamos fabricar doces, pois 80% desses produtos vêm de outras regiões, sobretudo de São Paulo e Minas, o que é um absurdo, já que temos aqui todas as matérias-primas,

como leite, açúcar e as frutas". A fábrica de doces vai dar emprego para 200 pessoas.

A nova empresa pretende explorar também os demais recursos naturais da região, uma das maiores produtoras agrícolas do País, e que são habitualmente "exportados" in natura para outros centros, de onde retornam industrializados. A soja, por exemplo, vai para São Paulo, em estado bruto, e volta enlatada, na forma de óleo. Maringá "importa" todo o tipo de massas, quan-

do poderia fabricá-las no próprio município, grande produtor de trigo e milho.

O grupo não vai pedir empréstimos bancários, para "evitar o pagamento de juros sufocantes de 13% ao mês", explica Prado Vermelho, anunciando também um plano de combate aos aplicadores de poupança e em especulações no mercado financeiro, geralmente no eixo Rio-São Paulo. Em Maringá mesmo há pelo menos Cr\$ 10 bilhões aplicados em cadernetas de poupança.

"Quero transformar Maringá numa ilha de prosperidade, diante de um país em crise. O Paraná é o celeiro do Brasil na produção de alimentos e temos tudo para reverter as expectativas", afirma, confiante, o prefeito Said Ferreira, para quem "o esforço de reconstrução municipal já está dando resultados positivos".

"Em janeiro", diz ele, "o município arrecadava Cr\$ 716 milhões de ICM. Agora já estamos arrecadando Cr\$ 2,7 bilhões por mês". Nos primeiros seis meses de administração, enquanto em outros municípios as empresas faliam ou fechavam, 46 novas indústrias instalaram-se na cidade. Todas ligadas ao setor agroindustrial ou de implementos agrícolas.

"Estamos criando um cinturão verde, com hortigranjeiros, próximo ao parque industrial. Até agora, 95% das frutas e verduras que consumimos, 370 toneladas mensais, vêm de fora. A partir de agora vamos produzir essas 370 toneladas e abastecer as indústrias do setor de conservas que estão se instalando aqui. Temos terras férteis, mão-de-obra e disposição", afirma Said Ferreira.

A população, informada dos grandes e inéditos planos, observa tudo com grande interesse e motivação. "Estamos provando", conclui o prefeito, "que se os empresários e a população confiam nas propostas de seus administradores, é possível vencer a crise. O que nos falta, a nível nacional, é justamente isso: credibilidade nos administradores".

Continua na terça-feira